Comentarios ao Livro *El despilfarro de la naciones*, de Albino Prada Blanco

Adela Figueroa Panisse*

Nada mais oportuno que esta publicação, num momento em que o capitalismo exorbitado e totalmente descontrolado está a provocar o desarranjo ambiental atual, único na historia da humanidade por sua extensão global que afeta a toda a Terra.

Título
El despilfarro de las naciones

Xénero
Ensaio

Texto
Albino Prada Blanco

Edita
Clave Intelectual

Ano
2017

ISBN
9788494744921

Páxinas
200

Já antes que agora o ser humano teve práticas de exploração exaustiva dos ecossistemas provocando extinções como por exemplo a dos cavalos de norte-america. Sabe-se que estes existiam lá antes da chegada dos homens europeus, mas que na altura não ficavam exemplares destes. Ou o colapso de civilizações. São inúmeros os exemplos de destruição ambiental provocada polos seres humanos. Estas crises ambientais acarretaram também desaparições de sociedades num processo conjunto e de circulo vicioso em que a inteligência humana não foi quem de travar o processo destrutivo.

Nesta obra Albino Prada estuda os efeitos da atuação humana sobre o ambiente pondo o foco na delapidação de recursos mais que na sua carência. É um enfoque original, inteligente e bem ajeitado para o momento atual da nossa civilização do excesso. Como di Antón Costa no seu prefacio, esté é um livro singular, único e oportuno.

Desenvolve-se em quatro partes:

1. "Población y recursos", em que põe o alvo no conceito de esbanjar (dilapidar ou desperdiçar) consubstancial com a condição humana. Cita diversos casos em que o excesso é mais a norma do que o aforro e a distribuição equitativa das riquezas. A riqueza concentrada em poucas mãos e o seu emprego em ostentações e opulência é mais habitual do que a exceção em case que todas as civilizações humanas. Esta visualização do excesso das classes opulentas face as desfavorecidas vai acompanhada de poder e de abusos sociais. Também dos seus aspetos lúdicos, em que se monstra como a energia social é utilizada com fins não práticos, em aparência, mas que são imprescindíveis para afirmar a coesão social. Esta coesão será a que permita exigir das classes poderosas sua obriga de "repartir" a sua riqueza na sociedade.

2. "Población y huella ecológica". Este capítulo é especialmente interessante porque senta os conceitos da impronta que todo ser vivo exerce sobre a Terra. Quanta terra é necessária para atender as necessidades biológicas de cada ser vivo ou, no caso dos seres humanos, quanta energia, superfície de terra e de materiais necessita cada civilização. Particularmente no capítulo: "Neutralizar dos fuerzas catastróficas": "en nuestra opinión dos fuerzas descomunales se alian y empujan hacia el resultado catastrófico".

   Sinala que estas forças ficam definidas polo crescente malgasto de recursos no norte, que não é compensado nem pela contenção da sua natalidade; e por outro, a obscena miséria e necessidade do sul acompanhado dum vertiginoso crescimento da população, que provoca uma grande pegada ecológica social ainda que a individual seja mínima. Num caso *despilfarro* de bens de consumo, noutro *despilfarro* igualmente na explosão demográfica num *despilfarro* de pessoas.

   Aponta já a necessária redução do consumo, deixando o caminho aberto ao conceito de decrescimento que hoje manifesta-se como imprescindível para atalhar a crise climática em que estamos submersas. E também um conceito para mim transcendental: interiorizar as *deseconomias.*

   É uma reclamação das correntes ecologistas face a industrialização abusiva que estamos a sofrer. Tudo se contabiliza em postos de trabalho e em suposta riqueza que as diferentes industrias geram nos lugares da sua implantação. Mas nunca se põe em valor a destruição ambiental e o desarranjo social que geram. Ambolos dous irreparáveis. Colocam-se industrias sem alternativa, de maneira que quando desaparecem porque as condições do mercado já não lhes são favoráveis ou os recursos esgotaram-se, nada fica detrás delas. Somente um ermo social e ambiental como nas Encrobas, nas minas de Pacios da Serra no Courel, a destruição da Serrra do Xistral pola implantação de campos eólicos, As Pontes de Garcia Rodriguez, e tantos lugares pola Galiza adiante onde a vida desaparece em favor do desperdício e poluição ambiental. Propugna: "un nuevo orden económico y comercial internacional que no se desentienda del galopante dumping ambiental, fiscal o laboral que está imperando em la actual globalización".

3. "Economía, escasez y racionalidad". Seguindo no processo de analise do problema da economia a nível mundial, ou por outras palavras, da administração

Imaxe dun parque eólico en Galiza · *Makunin*

dos bens, recursos e riquezas, as premissas anteriores conduzem-nos ao problema da sustentabilidade dos sistemas terrestres (sociais e ambientais) posto que tudo a o analisado demonstra a insustentabilidade do sistema social humano. De tal maneira que nos debruça sobre a problemática das guerras e suas causas. Seguindo a S Zweig, que não vé nenhuma causa razoável ou explicável para a primeira guerra mundial mais que um excesso de força, Einstein também sinala: "hemos de tener em cuenta que los poderosos grupos de fabricantes de armamentos están haciendo todo lo posible para impedir un arreglo pacífico de las disputas internacionales".

Segundo Albino Prada: "Tal pulsión al exceso y al derroche, explicaria que em el sigloXX se alcançasse la cifra de 110 millones de muertos em guerras, una carniceria que casi es el triple del total de bajas humanas em los mil novecientos años anteriores". (Estamos face a guerra de Ucrânia. Em aparência uma invasão injusta e caprichosa de Rusia por se apoderar dos territórios. Mas nem tudo é tão simples).

Neste terceiro capítulo o caminho abre-se para *"Hacia otra racionalidad"* em que o reparto das riquezas permita recuperar níveis de ócio de sociedades como as nómadas ou a dos aborigenes do Kalahari. Disponher apenas da equipagem que, no caso de naufrágio, pudera nadar com um mesmo. Acusa o economicismo de promover um modelo humano egoísta e individual, pois a analise economicista faz-se nestes parâmetros.

4. "Crítica a la sociedad de mercado". No capítulo 4 encontramos uma crítica bem fundamentada à sociedade de mercado como oposta a uma sociedade decente. Está muito bem esta contraposição, pois esta seria a única possibilidade de escapar ao colapso. Hoje vozes como Carlos Taibo ou Turiel, entre outros, e movimentos que nascem por toda parte, recomendam o decremento como única alternativa a geração massiva de resíduos, ao esgotamento dos recursos, a desigualdade crescente a destruição ambiental.

   Na Galiza estamos a assistir assombradas ao espolio massivo das nossas montanhas para produzir mais eletricidade com base a uma possível demanda crescente desta energia. Destruição ambiental de recursos e paisagens comuns para seguir alimentando o monstro. Alteração de aquíferos, extermínio de aves e morcegos triturados entre as aspas de moinhos implantados nos cumes, destruição dos caladeiros tradicionais de pesqueiras e geração de mais e mais lixo irrecuperável e do esgotamento de recursos como cobre e outros elementos necessários para transportar a energia desde os lugares de sacrifício ambiental onde é produzida, até os de privilégios ambientais onde é massivamente consumida. Desde as colónias produtoras até as metrópoles consumidoras. Apenas atendendo ao esperável incremento da procura do grande bem: a energia. Somente pensando em oferta para satisfazer esta demanda.

   Até os povos indígenas do Brasil levantam-se contra este espolio das grandes empresas geradoras de monopólios de energia que decidem sobre a pose do território e sua funcionalidade ignorando o futuro que lhes devemos às gerações futuras e à biosfera em geral. É uma luta estendida por todo o Planeta, que precisa de ser controlada. Economia de mercado e livre concorrência está sendo posta em causa. Biden, presidente américano, pide ao Congreso que aprove uma taxa para as grandes corporações até o 15% com a finalidade de que essa enorme riqueza que derrochan seja repartida em parte entre a clase media. O Parlamento Inglés afeia aos quatro grandes bancos por terem seus dirigentes salários maiores do que nunca se tinha visto nos 500 anos de funcionamento do Parlamento.

   Constata-se que o mercado livre tem de ser regulado; "un mercado atual em que, en sus atuales metrópolis, una sola família concentra una fortuna equivalente a la de ciento veinte millones de sus compatriotas norteamericanos com menos ingresos" .

   O autor nos alerta sobre o novo medioevo caraterizado pola falta de compromisso social e o individualismo, o poder em rede sem agentes institucionais, mafias, deslocalização, etc. E cita a Assange como um anuncio do futuro em vigilância que nos espera, e que já está cá conosco: "Un estado de vigilancia transnacional, el neofeudalismo interconectado de la élite transnacional. Todas las comunicaciones seran grabadas, permanentemente rastreadas. Cada individuo en todas y cada una de sus interaciones será permanentemente identificado".

   Segundo o autor, um socialismo e uma sociedade decente deveria ter ações claras de rejeito às ameaças ecológicas coletivas, ao racismo e à xenofobia. A sociedade de consumo tem de reduzir este e assim as suas consequências: o problema dos resíduos, o esgotamento de recursos, o reparto da riqueza das nações como contraponto ao derroche, desbaldimento e ao colapso que, de outro modo, chegará inevitavelmente.

Parabéns a Albino Prada por este livro ilustrativo, bem artilhado nos seus diferentes capítulos que pode ser uma guia útil para ecologistas, sociólogas ou economistas preocupadas polo presente e polo futuro da nossa sociedade. Incorpora muitas citações de diferentes autoras/es e uma extensa bibliografia que completa muito bem a obra.

*Adela Figueroa Panisse. Vogal de Transportes e Mobilidade de ADEGA